



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura das comemorações dos 85 anos da Previdência Social e Dia do Aposentado**

**Palácio do Planalto, 24 de janeiro de 2008**

Companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,  
Companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,  
Companheiro Luiz Eduardo Barretto, ministro interino do Turismo,  
Companheiro Marco Antônio de Oliveira, presidente do Instituto do Seguro Social,

Companheiro João Batista Inocentini, presidente do Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos da Força Sindical,

Companheiro Epitácio Luiz Epaminondas, presidente do Sindicato Nacional dos Aposentados e Pensionistas do Brasil,

Companheiro Edmundo Benedetti Filho, presidente da Central Nacional dos Aposentados e Pensionistas do Brasil,

Companheiros, vejam que eu chamei todo mundo de companheiro porque todos foram companheiros antes de eu ser presidente. Então, a gente tem que valorizar essas amizades antigas, porque ficar 30 anos como companheiro não é qualquer um que fica, principalmente quando chega a Presidente da República, porque na primeira mancada que dá já perde todos os companheiros.

Eu penso que o discurso, companheiros e companheiras, é o discurso que o companheiro Marinho disse. Hoje, eu me levantei para fazer a minha caminhada, às 6h da manhã, depois fui tomar café, fui ao computador e vi que o IBGE tinha divulgado um dado importante: “o desemprego em dezembro foi de 7,2%”. Quem acompanha a divulgação dos índices de desemprego pelo IBGE, sabe que um número desses tem um significado extraordinário para o



Brasil. Certamente, não tem país do mundo com desemprego zero, mas nós não poderíamos continuar com o desemprego em dois dígitos, com o desemprego acima de 10%, 11%, 12%, 13% e 14%. Aí, eu me lembro, Marinho, das brigas que se fazia com relação à reforma da Previdência Social. Toda vez que se discutia a reforma da Previdência Social, apareciam especialistas, outros não tão especialistas, apareciam políticos, dizendo que era preciso acabar com o déficit da Previdência Social, e as pessoas justificavam que o déficit da Previdência Social era em função da corrupção.

Nós decidimos fazer, ainda na gestão do ministro Nelson Machado, que o Marinho continuou, o maior censo da história de 85 anos da Previdência Social. Todos, sem distinção, aposentados e pensionistas, todos que recebem qualquer benefício da Previdência tiveram que se cadastrar. Havia quem dissesse que tinha milhões e milhões de aposentadorias equivocadas, erradas, de pessoas que não tinham direito. Mentira. Mesmo no primeiro censo que nós fizemos – no primeiro lote foram 2,5 milhões de pessoas – alguns que não apareceram para se cadastrar, no dia em que cortou o pagamento, depois de quatro convocações, as pessoas apareceram e se cadastraram.

Nós fizemos isso para não permitir que se desse o tratamento que se deu ao censo que o companheiro Ricardo Berzoini tentou fazer um tempo atrás, em que pegaram um senhor de 85 anos e colocaram como vítima da humanidade, porque estava sendo pedido o cadastramento. Então, nós mudamos, demos seis chances, mandávamos carta em casa, depois fizemos convênios com outro Ministério, com a Caixa Econômica, gente na porta do banco para atender, para fazer o cadastramento, e eu acho que nós fizemos o mais perfeito cadastramento já feito na história de 85 anos da Previdência Social.

E o que foi provado ali? É que a grande maioria absoluta das pessoas que recebem benefícios, recebe o benefício correto. Quanto você falou, Marinho? Oitenta e cinco mil, em um volume de 25 milhões de pessoas.



Significa que nós precisamos voltar a adotar a tese, que é a correta, de que todo mundo é inocente até prova em contrário, e não como se age no Brasil, em que todo mundo é culpado até prova em contrário.

Agora, qual era o problema que se discutia tanto? Quando eu ganhei as eleições, as pessoas diziam para mim: “Só vai ter solução se resolver o déficit da Previdência Social”. Aí você via os analistas econômicos na televisão: “Precisa resolver o problema do déficit”. Mas, por que esse déficit foi causado? E como é que se corrige esse déficit? Alguns diziam que era preciso mexer com a mulher: “A mulher vive mais do que o homem, portanto, a mulher não tem que se aposentar antes do homem”. É, tem gente que dizia isso, e dizia na televisão.

Ora, certamente o cidadão que dizia isso era quem cuidava das crianças, era quem lavava a louça, era quem arrumava a roupa da cama, era quem passava a roupa. Os cinco anos que as mulheres têm a menos para se aposentarem, é a compensação da dupla ou da tripla jornada que elas têm, sejam mulheres pobres ou mulheres de classe média. Ainda não chegamos em um momento da humanidade em que o marido, de livre e espontânea vontade, resolva ser companheiro de verdade para ajudar a parceira a fazer os afazeres de casa. Afinal de contas, é muito mais fácil estar no bar, tomando uma cervejinha, sabendo que a mulher está limpando, do que estar lá ajudando a companheira.

Outros diziam: “Bom, nós vamos ter que diminuir o tempo dos aposentados. Gente está se aposentando muito nova. Inocentini tem 57 anos”. Agora, é preciso saber com que idade essas pessoas começaram a trabalhar, é preciso saber em que condições essas pessoas começaram a trabalhar. Eu não tenho dúvida de que a geração que virá depois de nós pode ter um outro sistema previdenciário. Necessariamente, daqui a 30 ou 40 anos, as condições de trabalho não serão as mesmas que nós temos hoje.

Portanto, é possível, e por isso criamos um grupo de trabalho que



envolve empresários, trabalhadores, aposentados e o governo para discutir que tipo de modelo previdenciário a gente pode imaginar para os nossos netos, sem mexer nos direitos adquiridos que a nossa geração conquistou. Esse é um desafio, que não vai ser feito na marra, por decreto, não vai ser feito por emenda constitucional, apenas. Isso vai ser feito na medida em que a gente construir o consenso com os interessados na questão da Previdência Social.

E alguns outros diziam, como eu, o Marinho e, certamente, muitos aposentados aqui, o seguinte: “Nós vamos consertar o déficit da Previdência na medida em que a economia voltar a crescer”. Por quê? Porque se vocês analisarem, desde 1980, portanto há quase 28 anos, que a economia brasileira crescia pouco. Ao crescer pouco a economia, o que acontecia de fato? O mercado de trabalho, em vez de crescer, diminuía. A construção civil, nesses últimos 26 anos, praticamente só perdeu trabalhadores. Somente no ano passado e neste ano é que a construção civil voltou a crescer o número de empregos oficiais.

A categoria metalúrgica, que é uma categoria sofisticada para o padrão industrial brasileiro, perdeu ao longo de 26 anos, mais de 1 milhão de trabalhadores, e agora já recuperamos quase 500 mil trabalhadores. E o que nós estamos percebendo? Na medida em que a economia começa a crescer, na medida em que você começa a gerar mais empregos, na medida em que você começa a oferecer melhores benefícios, na própria Previdência, você vai começar a diminuir o déficit e a aumentar a receita da Previdência Social. Só no ano passado, foram 1 milhão e quase 650 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Na hora em que a gente convencer a economia informal de que é importante contribuir com a Previdência Social – porque eles também vão ficar velhos, e eles também vão precisar de um sistema de seguridade social mais amplo do que o Estatuto do Idoso – a gente vai perceber que, em poucos anos, nós vamos resolver o problema do déficit da Previdência, sem que isso tire de



nós a oportunidade de apresentar ao País um sistema previdenciário que possa resolver o problema das futuras gerações, algo mais moderno, algo mais pensado.

Eu sou de uma geração – eu tenho 62 anos – em que a gente não conhecia os nossos avós, porque eles morriam aos 60 anos, eles morriam aos 58 anos. Quanta gente aqui, da minha geração, não conheceu avó e nem avô? Agora, graças a Deus, nós hoje estamos vivendo... Eu estou aqui com um jovem dirigente sindical, de 84 anos de idade. Nasceu um ano depois que o Eloy Chaves fez... Só nasceu porque já tinha aposentadoria garantida. Hoje, o que está acontecendo? Hoje as pessoas estão vivendo mais e é bom que a gente viva mais. As pessoas com 60, 70, 80 anos estão com vigor físico, querendo fazer as coisas. Vejam o convênio assinado pelo Gil e pelo Marinho. O que é? É a disposição dos trabalhadores aposentados deste País prestarem trabalho voluntário aos museus que, durante décadas, foram abandonados neste País. E o que um aposentado precisa, além de sobreviver dignamente? Ele precisa de coisas para fazer, porque o tédio pode matar as pessoas, como qualquer outra doença mata.

Eu queria, companheiro Marinho, companheiro Gil, companheiros aposentados, primeiro dizer para vocês do meu agradecimento. Eu digo isso porque não aconteceu muitas vezes, na história do Brasil, de um presidente da República ser companheiro dos dirigentes aposentados e os aposentados serem companheiros do presidente da República. Peguem a história, que não tem muito tempo... Sendo francamente, porque eles cobram do governo como devem cobrar e nós, com a mesma honestidade, dizemos “é possível” ou “não é possível”. E nem por isso nós deixaremos de ser companheiros.

Esses companheiros são o testemunho vivo de que, certamente, nós ainda não fizemos tudo o que precisa ser feito mas, certamente, nós fizemos mais do que muitos fizeram, em muitos anos, neste País. A coisa mais sagrada que nós fizemos foi estabelecer uma relação, uma relação política, uma relação



social, uma relação de companheiros em que os aposentados deste País, as pensionistas deste País não tenham no ministro da Previdência um inimigo, não tenham no presidente da República um adversário. Mas que tanto nós tenhamos, em vocês, um companheirismo nos bons e nos maus momentos, como vocês também tenham conosco essa relação.

Por isso, a vinda de vocês aqui para entregar uma pauta de reivindicação. E o Inocentini não falou que por reivindicação de vocês, conquistaram cartão de crédito para os aposentados, alongaram o crédito consignado para 60 meses. Essa é uma conquista importante, agora é preciso tomar cuidado com cartão de crédito. Essa crise americana também tem um pouco a ver com cartão de crédito, porque se a gente não tem que botar a mão no bolso para gastar dinheiro, a gente vai gastando mais do que se tivesse que tirar uma notinha do bolso. Então, é preciso que a gente tome cuidado com isso, Marinho. A Previdência tem que fazer uma boa explicação, a imprensa tem que contribuir, e acho que os aposentados têm que dizer...

Eu penso que não poderia ser mais gratificante, no dia em que a Previdência completa 85 anos, vocês estarem aqui – amanhã se comemora o Dia dos Aposentados, lá em Aparecida do Norte –, hoje vocês estarem aqui. Então, eu quero parabenizar Marinho e Gil, quero parabenizar os companheiros do Sindicato dos Aposentados, a Cobap, e quero parabenizar os funcionários da nossa Previdência Social e os nossos convidados.

Parabéns e muito obrigado.

(\$211A)